



Genesis Tramaïne Eye for and Eye, 2024
Fonte: Ocula

LIVRO

SEMELHANÇAS EM
SUSPENSO – O GÊNERO
RETRATO EM TEMPOS
COMPLEXOS

ACÁSSIA ARAÚJO BARRETO
ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA

RESUMO: O livro “Além da Semelhança: o retrato na arte ultra contemporânea”, de Lilian Cristina Monteiro França, publicada pela Editora Amazilia Coral, investiga a transição do retrato do conceito de *likeness* para abordagens que privilegiam distorções, subjetividade e invenção. A autora contextualiza o gênero do Egito Antigo à contemporaneidade, analisando 30 artistas ultra contemporâneos, nascidos entre 1977 e 1999, com destaque no mercado internacional de arte. Estruturada em três seções, a obra combina reflexão histórica, dados mercadológicos e análise de obras. O recorte evidencia o *boom* da arte ultra contemporânea, impulsionado por vendas online e NFTs, com artistas que exploram, da pintura à IA, dialogando com moda, design e cultura pop.

PALAVRAS-CHAVE: Retrato; arte ultracontemporânea; *likeness*; mercado de arte.

ABSTRACT: The book “Além da Semelhança: o retrato na arte ultra contemporânea”, by Lilian Cristina Monteiro França, published by Editora Amazilia Coral, investigates the transition of portraiture from the concept of likeness to approaches that privilege distortion, subjectivity, and invention. The author contextualizes the genre from Ancient Egypt to the present day, analyzing 30 ultra-contemporary artists born between 1977 and 1999, who stand out in the international art market. Structured in three sections, the work combines historical reflection, market data, and artwork analysis. The selection highlights the boom in ultra-contemporary art, driven by online sales and NFTs, as artists explore media from painting to AI, in dialogue with fashion, design, and pop culture.

KEYWORDS: Portrait; ultra-contemporary art; likeness; art market.

O livro *Além da Semelhança: o retrato na arte ultratemporânea* (Figura 1), de Lilian Cristina Monteiro França, constitui um aprofundamento das investigações que a autora vem conduzindo desde 2020 sobre a arte ultratemporânea, com foco específico no gênero retrato. Publicada em 2024 pela Editora Amazilia Coral, a obra dialoga diretamente com o estudo anterior da autora, *Arte Ultratemporânea: conceitos, artistas, mercados e tecnologias NFT* (França, 2023), que abordava de forma macroestrutural o fenômeno.

Lilian França parte de um diagnóstico cultural que identifica a transição do retrato, historicamente atrelado ao conceito de *likeness* (semelhança), para uma prática expandida que incorpora distorções, desconstruções e ressignificações estéticas e conceituais. Como assinala a autora, “retratar uma pessoa superou os limites da semelhança” (FRANÇA, 2024, p. 13), apontando para artistas que exploram desde rostos cobertos por espessas camadas de tinta (Adrian Ghenie) até figuras sem pupilas (Cinga Samson)

ou completamente ficcionais, criadas por inteligência artificial.

O livro emerge num contexto histórico e mercadológico de alta relevância. Entre 2020 e 2022, o



Figura 1 – Capa do livro *Além da Semelhança: o retrato na arte ultratemporânea*
Fonte: França, 2024

mercado de arte ultratemporânea viveu um *boom*, impulsionado pela intensificação das vendas *online* e pela ascensão dos NFTs como forma de comercialização e registro de obras digitais. Como demonstra a autora, mesmo com a queda subsequente (2023-2024), o segmento manteve protagonismo no circuito de leilões e galerias internacionais.

A pesquisa estrutura-se em análise documental, principalmente nos relatórios de mercado (Artnet, Artprice), catálogos de leilões, artigos acadêmicos e reportagens especializadas. Obedecendo a um recorte de 30 nomes nascidos entre 1977 e 1999, com produção relevante em retratos e presença destacada no mercado internacional de arte, apresenta cada um deles por meio de seus dados biográficos, imagens de seis obras, citação da crítica ou da mídia especializada e link (QR Code) para conteúdo externo.

A obra está dividida em três grandes seções: 1. Cartografias da Arte Ultratemporânea: define e historiciza o conceito de arte

ultratemporânea, sua inserção no mercado e principais dados estatísticos; 2. Além da Semelhança: reflexão teórica e histórica sobre o retrato, do Renascimento à contemporaneidade, problematizando o conceito de *likeness*; Linguagens em Fluxo – O Retrato Ultratemporâneo: análise de 30 artistas selecionados segundo critérios de relevância de mercado (Artnet, Artprice, Sotheby’s, Christie’s e Phillips) e foco no gênero retrato; além do Prefácio e das Conclusões.

A reflexão se inicia com uma perspectiva ampla, que percorre desde as origens do retrato no Egito Antigo até as experimentações contemporâneas, discutindo como o retrato, ao longo da história, sempre esteve associado à ideia de representação individual ou de grupo, ligada ao conceito de mimese e de semelhança. Essa ligação, contudo, não se restringe à reprodução literal: “Embora um retrato possa se preocupar com a semelhança contida nas características físicas de uma pessoa, ele também pode representar a posição social do sujeito ou a sua

‘vida interior’, tanto quanto seu caráter ou virtudes” (WEST, 2004, p. 21).

No Renascimento, a função do retrato ganha relevância simbólica e política, como em *La Gioconda* (1503-1506), de Leonardo da Vinci, que retrata “uma senhora e um estilo de vida, um momento histórico, uma condição de feminilidade” (FRANÇA, 2024, p. 43).

No século XVIII, Jacques-Louis David, com *A Morte de Marat* (1793) (Figura 2), exemplifica o uso alegórico e ideológico do retrato ao transformar a figura do revolucionário assassinado Jean-Paul Marat em um mártir da Revolução Francesa. Através de uma composição solene, inspirada na iconografia religiosa (como a *Pietà*), David eleva o evento trágico a um símbolo de heroísmo e sacrifício pela causa republicana. O retrato não busca apenas representar Marat fielmente, mas sim, transmitir valores revolucionários, como virtude, dedicação e justiça, utilizando a arte como instrumento de propaganda política. Assim, a obra transcende o registro individual para se tornar

um ícone ideológico do período revolucionário.

Já no século XIX, convivem a ousadia (como no *Retrato de Madame X*, de John Singer Sargent, 1884) (Figura 3) e o conservadorismo (como em *Arrangement in Grey and Black No. 1*, de James McNeill Whistler, 1871) (Figura 4), revelando as tensões entre tradição e ruptura. A chegada da fotografia intensifica essas transformações, ao absorver a função de registro fiel e permitir que a pintura explorasse outras possibilidades expressivas.

No século XX, artistas como Picasso, Francis Bacon e Lucian Freud (Figuras 5 a 7) subvertem definitivamente o ideal de fidelidade mimética, deslocando o retrato para campos de distorção, deformação e interpretação psicológica. Bacon, por exemplo, segundo Deleuze (2007), cria “figuras redondas” que transcendem a mera representação, instaurando uma “lógica geral das sensações” (p. 12). Freud, por sua vez, mantém o foco na figura humana, mas enfatiza a materialidade da tinta e a densidade emocional.

Figura 2 -
Jacques-Louis
David, *A Morte de
Marat* (1793)
Fonte: Wikipédia



Figuras 3 e 4 -
John Singer Sargent, *Retrato de Madame X* (1884);
James McNeill Whistler, *Arrangement in Grey and Black No. 1* (1871)
Fonte: Wikipédia



Figuras 5, 6 e 7 -
Pablo Picasso, *A Mulher que Chora* (1937);
Francis Bacon, *Estudo após o Retrato do
Papa Inocêncio X de Velázquez* (1953);
Lucian Freud, *Her Majesty Queen
Elizabeth II* (2001)
Fonte: Wikipédia



Essa genealogia é essencial para compreender a produção ultracontemporânea, que radicaliza tais processos, ampliando as possibilidades por meio de ferramentas digitais, inteligência artificial e NFTs.

O gênero retrato manifesta-se igualmente primordial para a arte ultracontemporânea. O termo “arte ultracontemporânea” surge na literatura de mercado em meados da década de 2010, sendo inicialmente utilizado por Borowski e Kosmala (2014) e incorporado por relatórios da Artnet e Artprice. A definição operacional mais adotada, citada no livro, vem da Artnet: “Artista Ultracontemporâneo é definido como qualquer artista nascido em 1975 ou depois” (ARTNET, 2023, p. 52).

Para França, essa classificação, embora cronológica, implica um conjunto de práticas e inserções no mercado que distinguem o segmento. Em 2021, por exemplo, as vendas de arte ultracontemporânea alcançaram USD 742,2 milhões, um crescimento de 305% em relação a 2019, impulsionado por

um público mais jovem, pela expansão asiática e pela introdução dos NFTs como meio de comercialização.

A autora ressalta que esse crescimento foi abrupto e seguido de ajustes: em 2023, houve queda de 26% e, em 2024, retração de 39% no primeiro semestre. Ainda assim, a categoria se consolidou como uma das mais dinâmicas do mercado, abrigando práticas que atravessam pintura, escultura, instalação, arte digital, generativa e híbrida.

A jovem geração de artistas ultracontemporâneos inova de maneira dramática, muitas vezes chocante, na representação da figura humana.

França identifica no retrato ultracontemporâneo um afastamento definitivo da mera representação mimética, substituída por abordagens que priorizam a subjetividade, a fragmentação e a construção simbólica. Trata-se de uma produção que, segundo a autora, “foge dos cânones, da exaltação da beleza ou a construção de um retrato que seja belo, focando em ultrapassar a representação mimética, a cópia, para

seguir além da semelhança” (FRANÇA, 2024, p. 33).

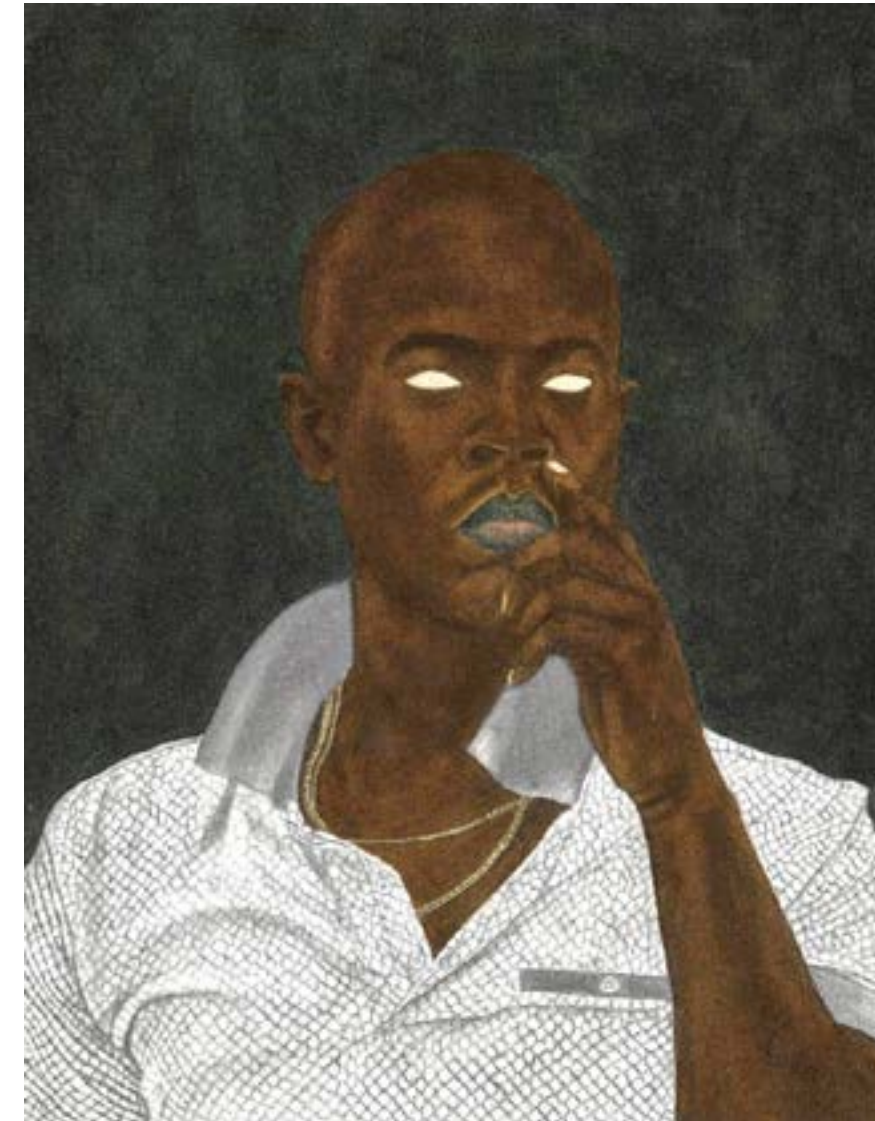
Nesse contexto, são marcantes: a distorção física, com corpos e rostos deformados, como nas obras de Anna Park ou Cristina Banban (Figuras 8 e 9); a textura e materialidade expressa com o uso de camadas espessas de tinta, pinceladas digitais ou técnicas mistas que subvertem a planicidade (Figuras 10 e 11); a ausência ou exagero de elementos, tal como a supressão das pupilas por Cinga Samson ou a amplificação de detalhes ornamentais em Ewa Juskiewicz (Figuras 12 e 13); além de uma dose de criação ficcional, com personagens inexistentes, inventados pelo artista ou por inteligência artificial, desafiando a noção de modelo vivo.

O repertório técnico utilizado por esses artistas é plural, abrangendo pintura a óleo, acrílica, aquarela, colagem, fotografia, manipulação digital, modelagem 3D e arte generativa. França mostra como alguns artistas exploram deliberadamente o *low tech* (traços gestuais, pintura manual) como contraponto à estética

Figuras 8 e 9 -
Anna Park, *Sean* (2019);
Cristina Banban, *Pepa* (2020)
Fonte: Artsy, Heritage Auctions



Figuras 10 e 11 -
Adrian Ghenie, *Self Portrait in 1945* (2015);
Njideka Akunyili Crosby, *The Beautiful Ones* (2015)
Fonte: Arcana, Artsy



Figuras 12 e 13-
Cinga Samson, *Untitled* (2020);
Ewa Juszkiewicz, *The Letter (after Adélaïde Labille-Guiard)* (2023)
Fonte: Artsy, Rain



hipertecnológica, enquanto outros abraçam integralmente recursos de IA e renderização.

Essa multiplicidade de linguagens reforça a ideia de que o retrato ultracontemporâneo não é um gênero isolado, mas um campo de experimentação que dialoga com o design, a moda, a cultura *pop* e a arte digital.

França encerra *Além da Semelhança: o retrato na arte ultracontemporânea* reforçando a ideia de que o retrato, no início do século XXI, não é mais um gênero subordinado à fidelidade representativa. Pelo contrário, a ruptura com o *likeness* se consolidou como premissa para grande parte da produção atual. Segundo a autora, “o retrato se libertou da exigência de se parecer com o retratado para explorar campos de invenção estética, crítica cultural e experimentação tecnológica” (FRANÇA, 2024, p. 212).

Os ultracontemporâneos atualizaram o gênero compondo-o com as notas do horror, do incerto e do fragmentado, como mostram as Figuras 14 e 15, num esboço do caos que nos reconfigura e ressignifica.



Figuras 14 e 15 - Genesis Tramaine, *Oh! Ye' Faithful* (2024) e *Eye for and Eye* (2024)

Fonte: Ocula



REFERÊNCIAS

ARTNET. *The Artnet Intelligence Report*. New York: Artnet, 2023.

BOROWSKI, A.; KOSMALA, K. *Art Beyond Contemporary*. Krakow: ASP, 2014.

DELEUZE, G. *Francis Bacon: lógica da sensação*. São Paulo: Editora 34, 2007.

FRANÇA, L. C. M. *Além da Semelhança: o retrato na arte ultracontemporânea*. Aracaju: Amazilia Coral, 2024.

WEST, S. *Portraiture*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ACÁSSIA ARAÚJO BARRETO

Acássia Araújo Barreto é Mestre em Educação pela PUC-SP. Especialista em Arte e Tecnologia pela UNB. Foi diretora da Galeria de Arte J. Inácio; pesquisadora da Divisão de Tecnologia da SEED; professora da UNIT-SE; professora da Secretaria de Estado da Educação. Autora de: *Mediação Pedagógica Transdisciplinar: possíveis interfaces no trabalho docente em ambiente virtual de aprendizagem* (Editora Criação) e *Entre Acordes e Compassos Urbanos: Busking, a Arte das Ruas*” (Editora Amazilia Coral).

LILIAN CRISTINA MONTEIRO FRANÇA

Editora de Arte e Tecnologia da Revista Arte e Crítica - ABCA. Dra. em Comunicação eSemiótica - PUCSP. Estágios Pós-Doutorais IFCH/UNICAMP; Fabico/UFRGS e UBI - Portugal. Missões de trabalho na CUNY - City University of New York, Universidade Nova de Lisboa, Universidade do Minho. Professora Titular da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Pesquisadora do Instituto de Matemática, Arte e Tecnologia - São Paulo. Autora de “Caos-Espaço-Educação” (Annablume); “Da Geometria Fractal a geometria euclidiana - Um estudo sobre a história da arte” (EDUC); “Imagens e Números” (EDUFS); “História do cinema em dispositivos móveis: do celular ao smartphone” (Amazilia Coral) e “Arte ultra contemporânea - conceitos, artistas, mercados e tecnologias NFT” (Amazilia Coral), entre outros.